



EXPERIÊNCIA VIVIDA DE UMA PRÁTICA DIDÁTICO- PEDAGÓGICA EM UMA ESCOLA DO CAMPO EM CUIABÁ/MT

Maria A. H. A. Oliveira (PPGE/UFMT) – hungriaoliveira@gmail.com

Eixo 3: Práticas Pedagógicas e Formação na EaD: superações do Instrumental e Tecnocêntrico

Resumo: Este trabalho expõe sob o olhar de uma professora afrodescendente- indígena, que descreve em um relato de experiência durante o período pandêmico causado pela COVID-19, em meio a tantas adversidades como foi possível construir com as/os estudantes, professoras/es e familiares, práticas pedagógicas durante o isolamento social, em formato de aulas remotas. As atividades buscaram mesmo em um momento de tantos obstáculos apresentar uma aprendizagem significativa, que valorizasse as identidades, os saberes presente na cotidianidade desses estudantes. O Trabalho foi desenvolvido em uma escola do campo que se finca na comunidade tradicional em Cuiabá, Mato Grosso.

Palavras-chave: Relato de experiência. Desafios. Educação. Aula remota.

1 Os desafios trilhados

A pandemia gestada pela Covid-19 se tornou um palco perfeito para que, políticas públicas direcionadas a educação fomentasse ainda mais disparidades nas escolas do campo. As ações necessárias adotadas interromperam as aulas presenciais nas escolas brasileiras em favor da preservação de vidas e o distanciamento social, aflorou problemas as precárias condições de ensino nas escolas do campo.

Ressalto que, diante dessa realidade amarga já enfrentada antes da Covid-19 e, piorada no contexto pandêmico, procurei enquanto professora de uma turma de alfabetização com alunos entre 7 e 8 anos de idade, criar coletivamente a oportunidade de aprendizagem desses estudantes, de forma a atenuar alguns dos problemas evidenciados com as aulas no formato remoto.

Elaboramos e desenvolvemos projetos que envolvessem a valorização dos saberes vivos e *vivenciados* com esses estudantes juntamente aos seus familiares, tornando-os verdadeiros pesquisadoras/es protagonistas em suas aprendizagens.

Ao lermos este relato devemos ter consciência que os projetos foram desenvolvidos com estudantes pertencentes a uma comunidade tradicional, que possui riqueza histórica que gesta uma rede de sentidos tecida fio a fio. Trouxe para este relato, algumas das dificuldades vivenciadas na transição das aulas presenciais para as remotas, bem como algumas produções, frutos da coletividade que conecta a comunidade escolar.

Os desafios enfrentados pelos professores, diante do contexto, de forma a atender a demanda que se apresentava passou a exigir horas de trabalho para além da carga horária definida. Era necessário, buscar informações de uso sobre plataformas, programas, edição, para que pudéssemos disponibilizar a esses estudantes conteúdo de qualidade. Além disso, precisávamos de um aparato de recursos tecnológicos, que eu e a maioria dos professores não possuía, sendo necessária a aquisição de equipamentos e serviço de internet de qualidade, todos adquiridos com recursos próprios.

A compreensão do uso dos novos recursos tecnológicos nas aulas se tornou indispensável para ministrar as aulas no grupo de WhatsApp, e disponibilidades de vídeos das aulas no meu canal do youtube. Nesse percurso algumas ferramentas se tornaram essenciais na prática docente, tais como: WhatsApp, Kinemaster, Power Point, Canva, SpeakPic, Play Games, Mirror, Power Director, Background, Freemake, Youtube, Wordwall, CapCut, Google Forms, além das plataformas de jogos como: o Silabando e GraphoGame Brasil, Google Classroom.

Mas, essa realidade, não era de todas/os, muitas/os estudantes sem acesso à energia elétrica ou à internet, ficando para estes apenas o silêncio, compartilhado em um sistema apostilado para se conectarem, mesmo a distância com aos trabalhos propostos, cuja orientações de estudos seguiam bimestralmente seus percursos em ônibus; casas de representantes comunitários das 17 (dezesete) comunidades que se ligam à escola, até a casa dessas/es estudantes, que por vezes enfrentam mais uma sofrível realidade, o analfabetismo de muitas famílias. Em dias específicos as famílias enviavam as produções até os pontos de coleta para retornar a escola, e em dias definidos professoras/es buscavam para realizar as correções, desse modo, as atividades se integram tecendo uma teia construída de aprendizagens.

2 Práticas pedagógicas corporificadas na cotidianidade das/os estudantes em uma escola do campo

Os trabalhos propostos com a turma se costuravam com o projeto maior da escola chamado “Riquezas da minha comunidade Aguaçu” que, propõe um resgate e a valorização da cultura local, proporcionando as/os estudantes conhecer, (re)conhecer, vivenciar, valorizar os costumes, crenças e modo de vivência construídos. A minha turma contempla estudantes da 3ª infância (2º ano) do ensino fundamental. Foram várias atividades pensadas e experienciadas durante o ano de 2021.

Como se trata de uma turma de alfabetização, iniciamos com a produção coletiva de um dicionário, com objetivo de inserir em uma ordem alfabética elementos próprios da comunidade

Realização



Apoio



a qual o aluno faz parte. Desse modo, ao longo do primeiro semestre produzimos o Dicionário “Belezas da Minha Comunidade de Aguaçu”, onde as famílias e as/os estudantes enviaram fotografias, vídeos e desenhos que retratam a sua realidade. Após uma gama de materiais selecionados, decidimos o que deveria ser excluído ou inserido no dicionário. Ao finalizarmos o material ele foi compartilhado com toda a comunidade escolar através dos grupos de WhatsApp, se tornando parte dos recursos pedagógicos em minhas aulas de alfabetização.

Imagem 1 – Imagem de uma das páginas do Dicionário: Belezas da minha Comunidade de Aguaçu



Fonte: Oliveira (2021).

Foi perceptível, como a turma conseguiu se apropriar melhor dos conteúdos quando apresentados a eles dentro de um contexto que fizesse parte do seu cotidiano, ou seja, tinha sentido para elas/es. Paulo Freire, deixa claro a necessidade de levarmos para a sala de aula os saberes que essas/es estudantes carregam, e nos questiona, “por que não estabelecer uma *“intimidade”* entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?” (FREIRE, 2021, p.29,30).

Na semana do folclore trabalhamos com o olhar voltado para os causos e lendas, as histórias enraizadas na memória do seu povo. Estudantes filmaram e gravaram áudios dessas narrativas contadas pelas/os avós/anciãs, mães, tia. O objetivo era valorizar as riquezas que precisam ser visibilizadas por constituir a memória local. Um desses exemplo, foi a do estudante que, registrou na fala de sua avó e o encontro dela com uma Mãe D’água, quando ela ainda era adolescente. Essa personagem não humana que compõe a história, ganhou um espaço especial nas leituras deleites, além de, se tornar personagem principal de um livro que coletivamente construímos de forma virtual.

Por se tratar de uma comunidade que carrega as cicatrizes da exploração garimpeira e exploração de minério, livro tem como título A Protetora da Natureza, onde a própria Mãe

Realização



Apoio

D'água mostra esses processos de destruição da natureza que afeta a qualidade de vida da pessoas e de todas as outras formas de vida ao se entorno, e, lança o desafio para as crianças encontrar possíveis soluções para ajudar a manter o nosso rio Coxipó Açu, livre do processo de degradação ocasionadas pela ação do homem. O livro em formato PDF foi criado no aplicativo Canva e disponibilizado no grupo de WhatsApp da turma. Temos a intenção de publicar o material, como forma de evidenciar a possibilidade de trazer as oralidades, memórias locais onde as/os estudantes se encontram e se conectam com o espaço escolar.

Imagem 2 – Imagem de uma das páginas do livro criado coletivamente com as/os estudantes do 2º ano A, juntamente com seus familiares e professora



Fonte: Oliveira (2021).

Outro projeto desenvolvido foi o *Árvore do Esperançar*, inspirado nas proposições de Paulo Freire, onde esse *esperançar* significa lutar, transformar aquilo que não é bom, nada tem a ver com espera, e sim com ação, reflexão das nossas ações. Devido o distanciamento social, enviei um vídeo explicando a proposta dessa atividade que, buscava não apenas plantar as árvores, mas se voltava para a importância da recuperação da mata ciliar que abrange toda extensão do rio que abraça as comunidades. Diante disso, o pedido aos estudantes era para que fizessem o plantio próximo às margens dos rios, córregos, grutas e minas de água que estivesse mais próximo a sua casa. As famílias realizavam os registros fotográficos e, compartilhavam as imagens de suas ações no grupo de WhatsApp da turma.

Daí, a necessidade do *pensar certo* que exige do professor a intencionalidade baseada em ações concretas que venham de encontro com os “saberes socialmente construídos na prática comunitária” (FREIRE, 2021, p.29). Sendo assim, conhecer a si mesmo e o espaço em que se vive, são importantes para podermos definir o que queremos para nós e no nosso entorno. Para

Merleau-Ponty (1999, p. 328) “O espaço não é o ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pela qual a posição das coisas se tornam possíveis”.

É preciso romper “com aquela ideia atrasada de “qualquer coisa serve”, e reafirmando a educação de qualidade com respeito à história e a vivência de cada um dentro de seu contexto de “mundo vida”. O respeito para com esses povos advém do fortalecimento de sua identidade” (PORTO, 2016, p.60).

As atividades de resgate da história; dos causos; das brincadeiras; das comidas, do linguajar; das profissões dos moradores da comunidade; da valorização de suas riquezas de saberes, dos seus personagens humanos e não humanos, do olhar para meio onde se vive, construíram uma rede de práticas pedagógicas fomentando a audiência dessas oralidades, visibilidades as memórias ancestrais enraizadas, que se encontra costuradas na identidade local.

3 Considerações finais

E necessário ter a responsabilidade ética na prática docente e nesse sentido, enquanto educadoras/es colaborarmos na formação de cidadãs e cidadãos críticos que, não se conformem com as injustiças postas por um sistema que a todo momento tenta excluir, separar e invisibilizar, silenciar aquelas e aqueles, que já sofrem com falta de moradia, emprego, saneamento básico e educação de qualidade, e não raro sofrem com ameaças na contra mão da sua cultura local permeadas de potencialidades. Que possamos contribuir em nossas salas de aula, como fomentadores do diálogo e permitir que o processo de aprendizagem realmente ocorra, a partir da realidade de cada estudante.

Referências

FREIRE, Paulo, 1921-1997. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa/** Paulo Freire. - 1. Ed.- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.144p.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PORTO, Itamar. **Concepções e percepções de educação do na escola municipal Boa Esperança Sorriso - MT** .2016. 156 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2016.

Realização



Apoio

